

A photograph of two women in a pool, seen from below. They are wearing a purple dress and a red dress, respectively, and are embracing each other. The water surface is visible at the top, with ripples and reflections.

UMA ATRAÇÃO
VERTIGINOSA.

UMA PERIGOSA
OBSESSÃO.

MADELINE STEVENS

OBSESSÃO

«O romance de estreia de Madeline Stevens é pleno de tensão. Uma joia brilhante e sombria de uma nova voz da literatura de suspense.»

KIRKUS REVIEWS

TOP
SEL
LER

Prólogo

Os passos que escutava do outro lado da porta não produziam o mesmo ruído seco característico dos sapatos da minha vizinha. Eram mais um arrastar, semelhante à deslocação de um roedor. Envergando apenas uma fina t-shirt e roupa interior já puída, avancei em silêncio do meu quarto até à entrada. O óculo era antigo e implicava desviar primeiro um medalhão do tamanho de uma moeda de um dólar para conseguir espreitar através do pequeno círculo de vidro. A mudança da luz era óbvia quando vista do lado de fora, por isso eu nunca o usava. Ao invés, encostava a orelha à porta.

Do seu quarto, a minha companheira de casa, a Sam, susurrrou:

— O que se passa?

Não respondi. Já passava da meia-noite e havia alguém a andar de um lado para o outro diante do nosso apartamento. Senti a porta de madeira a fazer-me pressão contra o rosto, como se alguém se tivesse encostado a ela. A pancada assustou-me. Vi o rosto da Sam assomar à porta do quarto, ao fundo do corredor. As pancadas tornaram-se mais insistentes e rápidas.

Quando abri a porta, reparei que os olhos do James estavam raiados de sangue; tinha as faces cavadas e o cabelo desgrenhado.

Permaneci à porta, em roupa interior, agarrada à maçaneta de latão, girando-a para um lado e para o outro.

— O que fazes aqui? — perguntei. Ao início não consegui perceber como é que ele me encontrara, mas depois recordei-me de todas as vezes que lhe havia dado o meu endereço para que ele pudesse chamar um táxi para me levar a casa.

— Posso entrar? — indagou. Senti o odor do álcool no seu hálito.

Olhei para a Sam, que se escondeu no quarto. O apartamento não tinha uma sala de estar; apenas uma cozinha com balcão, uma pequena casa de banho e o *hall*. Hesitei, não desejando sair do caminho. Ele abriu a carteira.

— Devemos-te dinheiro — disse. — Não chegámos a pagar-te a última semana. Pedi-te que nos avisasses.

Não disse nada, mas afastei-me para o deixar passar.

Vi-o olhar para o meu quarto — a primeira divisão não mobiliada em que vivera desde que me mudara para Nova Iorque —, para o colchão no chão, para os lençóis amarrotados, para a ventoinha suja que fazia circular o ar quente que entrava pela janela, para os livros empilhados contra a parede. Perguntei-me se iria perceber quantos tinham vindo da sua casa, quantos eu tirara das prateleiras que forravam o escritório da sua mulher. O James limpou o suor do queixo. Não havia sequer uma cadeira onde se sentar.

— Importavas-te de me dar um copo de água, por favor? — pediu. A delicadeza da pergunta irritou-me.

Avancei em direção à cozinha e ele passou por mim e entrou no quarto da Sam sem sequer perguntar se podia.

— Oh — ouvi-o murmurar. — Desculpa.

— É a minha companheira de casa — expliquei, passando-lhe o copo para a mão.

Ele deu um gole e pousou o copo no balcão.

— São só vocês as duas? — inquiriu, olhando em redor. — São duas assoalhadas, ou existe também uma sala de estar? — Limitei-me a fitá-lo sob a luz intensa da cozinha. — Não sabes o que aconteceu? — continuou ele.

— Não sei de nada.

— A Lonnie foi-se embora. Desapareceu. — Deu um passo na minha direção. — Não esvaziou as contas, mas deixou-me com o William.

Senti o odor a cedro do seu *aftershave* sob o álcool e o suor. Lembrei-me de que não depilava as pernas há vários dias.

— Está tudo bem contigo, Elle, não está? — quis saber o James.

Não respondi. Não era difícil imaginar o que a levava a deixá-lo. Tentei recordar-me exatamente da última vez que a vira, desde que tudo se complicara, nos Hamptons — seis meses antes. Talvez tivesse demorado todo esse tempo a ganhar coragem.

— Como assim, desapareceu?

Ele não respondeu à minha pergunta.

— De certeza que não tiveste dificuldade em arranjar outro trabalho — comentou ele, ao invés, arrastando as palavras e olhando para a minha boca. — Deve ser fácil.

Não sei se foi a novidade acerca da Lonnie ou aquela vaga tentativa de engate, mas qualquer coisa mudou nesse instante. Queria que ele se pusesse a andar dali.

— Estás bêbedo — afirmei. — É tarde. É melhor ires-te embora.

Ele voltou a olhar em volta, arregalando muito os olhos vítreos como uma criança ofendida — surpreendido com a minha indiferença. Dirigi-me para a porta e abri-a, esperando que ele me seguisse. Chegado à soleira da porta, ele meteu-me um maço de notas na mão.

— Não queria que viesses atrás de nós — disse ele — por não te pagarmos o teu último ordenado.

Aceitei o dinheiro sem argumentar, embora ambos soubéssemos que eu não podia ir atrás dele por coisa nenhuma. Não havia qualquer registo da minha pessoa. Legalmente, eu nunca tivera nada que ver com eles.

Aceitei porque estava habituada a precisar de dinheiro ou, quiçá, porque pensei que ele precisasse de o dar. Assim que

ele saiu, tranquei a porta rapidamente. Depois olhei para a mão e percebi que segurava umas quantas notas de um dólar, duas notas de cinco e um monte de faturas.

1

Nunca assinei contrato. A esposa entregou-me as chaves da casa com uma superficialidade que considerei desconcertante, apesar do meu desespero. Apertei-as durante toda a viagem de regresso a Brooklyn, para me assegurar de que me haviam de facto dado o trabalho, de que havia um acordo. Passei os dedos por todas as saliências das chaves até as minhas suadas mãos cheirarem a metal. A argola tinha uma fita de couro na qual se via o monograma de um «L», o que me levou a pensar que ela se enganara e, por um qualquer acaso, me havia dado as suas chaves.

Continuava a segurá-las, a fita enrolada no dedo indicador, quando, nesse fim de tarde, me sentei num bar e pedi uma bebida. Dei o meu cartão de crédito ao empregado e pedi-lhe que mantivesse a conta em aberto, pensando em ir-me embora assim que terminasse de beber. Por essa altura, já tinha excedido o limite do cartão, por isso ele podia muito bem ficar com ele.

A minha lista de empregos era extensa. Todas as raparigas que conhecia tinham começado da mesma maneira. Éramos contratadas em part-time, como hospedeiras ou como representantes de vendas. Os trabalhos consistiam todos essencialmente no mesmo: estar de pé, sorrir, passar uma imagem bonita, magra e estilosa. Diziam-me «És o rosto do estabelecimento», o que

significava que eu era a primeira pessoa que os clientes viam, mas, na verdade, não passava de um rosto bonito.

Aquele trabalho levava ao completo emurchecimento da alma. Não era permitido ler, nem nos dias com menor movimento. Não era permitido sentar. Eu chegava a invejar as empregadas de mesa porque podiam andar de um lado para o outro. Estar parada era o que tornava a dor nos pés mais perceptível. As horas passavam. As músicas repetiam-se. As pessoas entravam; queixavam-se, ou não. Iam-se embora. E depois, quando me despedia, ficava sem nada — sem poupanças, sem subsídio de desemprego, sem indemnização.

O meu reflexo no espelho, por trás das garrafas, mostrava olheiras e maçãs do rosto encovadas. Caminhar por Crown Heights havia começado a dar-me uma aterradora consciência do meu corpo: frágil, pálido, fraco. Sentia o osso da bacia a aparecer sob a pele. Não era que me sentisse como uma criança, era pior do que isso — sentia-me como uma doente. Os meus vestidos sem mangas mais pareciam roupa de hospital. Em comparação, as pessoas à minha volta tinham um aspeto forte e robusto.

Sobrevivia à base de café de saco e de bolos embalados — daqueles pequenos e brilhantes que contêm mais químicos do que nutrientes, e mais ar do que massa. Nessa tarde, antes da entrevista, utilizara o meu canivete para abrir um abacate maduro porque escutara algures que uma pessoa conseguia sobreviver, embora deficitariamente, a comer apenas abacate. O canivete fora um presente do meu pai quando eu fizera 12 anos; ficara embotado e fora afiado vezes sem conta na floresta que rodeava a nossa casa. Numa noite de verão eu improvisara uma pequena armadilha com paus e guita e colocara comida lá dentro. Depois do jantar, descobri um coelho preso no interior, os seus olhos inexpressivos a fitarem-me. Agarrei no animal pelo cachaço, parti-lhe o pescoço e depois cortei-lhe a garganta.

Foi um teste a mim própria. A minha mãe decidira tornar-se vegetariana e explicara-me essa decisão da seguinte maneira: «Nunca seria capaz de matar um animal, por isso não posso aceitar que outros o façam por mim.»

Não esperara que o sangue esguichasse daquela maneira. Regressei a casa toda suja e tive de explicar ao meu pai o que fizera. Embora me sentisse bem quando abandonara a pequena campã do coelho, formou-se um misterioso nó na minha garganta quando me vi obrigada a justificar o que fizera diante de outra pessoa. Limpei as lágrimas, sem saber se me sentia envergonhada pelas minhas ações ou pelas minhas emoções. O meu pai riu e atirou-me um pano da cozinha para que me limpasse.

Agora, ao lembrar-me do episódio do coelho, sentia-me tomada por um inútil arrependimento de não ter cortado um pedaço de carne para comer. Contudo, tomar uma cerveja com o estômago vazio tinha um efeito fantástico — a combinação das calorias tão necessárias e do álcool resultava num entorpecimento total. Tentei impedir-me de beber todo o líquido de uma só vez.

O bar era novo. As finas placas de madeira que cobriam as paredes estendiam-se até ao teto, como no interior de um barco à vela. O homem sentado ao meu lado era um polícia, e a sua constituição robusta preenchia toda a farda azul-marinho.

— Este lugar — comentou ele, levantando a mão e abarcando todo o espaço num gesto.

— Não é? — repliquei, animada por ter alguém com quem conversar. Há muito tempo que não saía com ninguém. Há muito tempo que não saía sequer.

— Vives aqui perto?

— Sim, muito perto até.

Ele anuiu e passou a mão pela cabeça rapada.

— Trabalhei neste bairro nos anos 90 — disse ele. — É onde colocam os agentes novos. Estávamos na Franklin na minha primeira semana, na Franklin com a St. Marks. Dobrámos a esquina e uns tipos tinham umas raparigas atadas a um poste de iluminação pública. Estavam a atirar-lhes bolas de bowling. Malditos agarrados! Estavam a jogar com um grupo de raparigas aos gritos. A impedir o trânsito de circular, e ninguém nos chamou. Descobrimos a cena por acaso.

— Isso não foi há muito tempo — declarei.

— E agora tu vives aqui... — Senti que se calara mesmo a tempo, antes de dizer «fedelha branca». Fora isso que um estranho homem que morava no meu quarteirão me chamara naquela manhã, acompanhado por um som de sucção contra os dentes. Embora sentisse alguma sobranceria relativamente àquele tipo de comportamento — eu era pobre, o que sabia ele? —, esforcei-me por compreender que a cor da minha pele era um sinal ameaçador de que as rendas poderiam aumentar. Ele não me queria ali, mas eu não tinha dinheiro para viver noutro lado.

Não dei muita importância à história das raparigas atadas ao poste de iluminação pública. Aquilo que me interessava era conseguir que aquele homem me pagasse o jantar. Observei-lhe o corpo — o volume dos músculos dos ombros sob a farda, o ângulo pronunciado do queixo. Presumi que tivesse 40 e poucos anos, embora fosse difícil de dizer. A sua pele negra não apresentava uma única ruga. Não costumava conseguir homens com aquele aspeto. Geralmente, ia para casa com rapazes brancos e escanzelados, pouco mais velhos do que eu, que nunca sabiam o que fazer.

— Chamo-me Ella — disse. — Fala-me um pouco mais sobre Crown Heights. — Apoiei o queixo na palma da mão, fitando-o com um ar melancólico. — Sou de uma região muito longínqua.

Ele olhou-me de lado, e percebi que também estava a avaliar o meu corpo. Deu um gole na cerveja e depois disse:

— Sabes dos tumultos, Ella? Toda a gente ouviu falar nos tumultos. — Não fazia ideia do que ele estava a falar, mas assenti com a cabeça. — Então vou falar-te de outra coisa. — Olhou-me de soslaio. — Ouviste falar na família LeRoi?

Uma gota de condensação escorreu do meu copo até à perna. Senti-a deslizar até ao tornozelo. Abanei a cabeça.

— Tinham uma igreja aqui perto — prosseguiu —, mas não era uma igreja de verdade, era mais um harém de mulheres. O pastor era um tipo que toda a gente tratava por Reverendo LeRoi. Gostava de raparigas novas. As miúdas vestiam-se como freiras e iam pedir para o metropolitano. Tinham uma data de crianças

filhas daquele tipo. Ninguém compreendia como era possível caberem tantas crianças naquela casa. Corriam rumores de que o LeRoi as mantinha em jaulas. Quando uma das raparigas quis abandonar a igreja, desapareceu misteriosamente. Isso durou anos. Acabaram por prender o LeRoi, e descobriram onde ele largava os corpos.

— Onde?

— Numa propriedade que tinha algures a norte. Num lago. Matou umas 19 raparigas. O filho dele ainda está à frente da igreja. Diz-se que a coisa agora é legal, mas eu cá mantinha-me longe dele.

Olhei para baixo e vi que o banco oscilava. O meu copo de cerveja estava vazio, embora não me parecesse que tivesse passado tempo suficiente para ter bebido todo o seu conteúdo. Para apresentação, aquela era uma história bastante retorcida, mas pouco me importei. Continuava a desejar jantar com ele. O polícia encarou o empregado de bar.

— Mais uma rodada? — perguntou.

Eu não era capaz de beber mais cerveja, por isso pedi um gin tónico. Dizia-se que a água tónica era boa para as náuseas, não era? Ri, e repeti a palavra «tónico». Ia ajudar a recompor-me.

O polícia voltou a fitar-me pelo canto do olho. Pus as mãos no balcão, dedos afastados, o conjunto de chaves a pressionar-me a pele da palma.

— E tu vives por aqui? — perguntei.

— Não, moro em Brooklyn Heights.

Tive dificuldade em encontrar a palhinha.

— Ainda trabalhas nesta zona?

— Em Manhattan.

— O que fazes por estas bandas?

Estávamos a jogar ao jogo das perguntas e ele parecia estar a perder o interesse.

— Acho que lhe podes chamar nostalgia. Ou talvez curiosidade.

— E vieste até aqui para tomar uma bebida sozinho?

Pronunciei a palavra «sozinho» de forma arrastada, fazendo com que soasse triste, o que não era difícil com aquela palavra em particular.

— Podia fazer-te a mesma pergunta.

Olhámos um para o outro. As minhas pernas magras haviam-se de alguma forma entrelaçado nas dele. É o que acontece quando se está ao balcão e uma pessoa se vira para outra. O banco continuava a abanar, mas ao menos isso servira para alguma coisa.

— Queres sair daqui e ir comer qualquer coisa?

Ele não respondeu, mas abriu a carteira, pagou as bebidas de ambos e bebeu o resto da sua cerveja de um gole só.

No exterior, o crepúsculo começava a instalar-se, mas o ar continuava quente, pairando à minha volta. As minhas pernas pareciam gelatina. Sentia-me fraca, a evaporar. Não tinha a certeza se conseguiria chegar ao restaurante. Agarrei-me ao braço dele, um gesto disfarçado de namorico, mas cujo verdadeiro objetivo era equilibrar-me.

Ele soltou uma gargalhada.

— Estás bem?

Mostrei-lhe um sorriso, o meu rosto um pouco letárgico, mole.

— Estou ótima. Mas cheia de fome.

— Vamos lá comer qualquer coisa.

Enquanto caminhávamos, senti-o a levar a mão à parte de trás da minha saia e a puxá-la para baixo. Fê-lo de forma rápida e sem tecer um único comentário. Não me senti envergonhada; continuava a segurar as chaves do meu novo trabalho. Isso era a única coisa que me importava.

Na Nostrand Avenue mandámos vir róti ao balcão. Ao lado da caixa registadora havia pilhas de bolos em embalagens de plástico transparentes. Pedi uma caixa e puxei da carteira, embora estivesse vazia. Ele pousou a mão sobre a minha e, uma vez mais, tirou a sua carteira. Sorri e não fui capaz de parar de sorrir, embora isso provocasse dores no meu triste e fraco rosto. Ia comer às custas de outra pessoa. Não pude deixar de me enaltecer. Ele era um belo achado; os polícias gostavam de tomar conta das pessoas.

Agradei e dei-lhe umas palmadinhas no braço, talvez com demasiado entusiasmo, mas o que importava?

Enquanto esperávamos pela comida, dei-me conta de que já não precisava de continuar a conversar. Ele já tinha pago a refeição. O serviço ao balcão era uma excelente ideia; assim não tinha de esperar toda a refeição para ver se ele me pedia para dividir a conta. Tomei uma nota mental enquanto abria a embalagem de plástico do bolo, pouco me importando com o que ele iria pensar ao ver-me comer a sobremesa primeiro. A cobertura era tão doce que me fez doer os dentes. Ainda assim, degluti vorazmente o bolo. Por sorte, o róti demorou a chegar, ou eu tê-lo-ia devorado com a mesma sofreguidão, para depois o vomitar na rua.

Nunca provara róti, e tive de ficar a ver o que o polícia fazia antes de começar a comer. Imittei os movimentos dele, enquanto partia um pedaço de pão azimo e o usava para apanhar o frango e as batatas. Fiquei agradavelmente surpreendida ao trincar o pão e perceber que era macio e que o frango sabia a manteiga e a caril. Mas depois mordi qualquer coisa mais dura.

— Isso aí tem osso — disse o polícia, observando-me.

Não o encarei; limitei-me a cuspir o osso para a mão, pousei-o na mesa e continuei a comer. Era agradável poder usar as mãos para arrancar os ossos do frango. Uma vez que ele já tinha pago a comida, a mim tanto se me dava a imagem que estava a passar de mim própria.

— A rapariga estava faminta — comentou ele, enquanto eu mastigava sem parar.

— Hoje mal tive um minuto para comer — expliquei, de boca cheia.

Percebi que ele não me fizera uma única pergunta pessoal. Não se questionaria o que me impedira de comer durante todo o dia? Não desejava saber o que eu fazia? Não era essa a pergunta que toda a gente fazia sempre?

Quando a comida terminou, eu estava mais do que saciada. Sentia-me grata por ele me ter proporcionado aquela bela refeição. Não considerava estar em dívida, mas achava que devia

recompensá-lo. Ele tinha um belo rosto — olhos grandes e amistosos, e dentes brancos e perfeitos. Já escurecera. Afastei um mosquito da perna quando ficámos parados no passeio. Nesse verão, as cigarras com 17 anos deveriam incubar e exceder em número a população da cidade em seiscentos para um, mas nunca chegaram. Os ovos tinham morrido; os jornais diziam que havíamos ocupado demasiados terrenos baldios com condomínios. Os mosquitos já tinham começado a tomar o lugar das cigarras.

— A estação de metro fica para aquele lado — disse ele.

Puxei-o pelo braço e contrapus:

— Sim, mas eu moro para ali.

Não trocámos mais palavras. Quando chegámos à porta do meu prédio, ele já estava a beijar-me — os seus lábios sabiam a caril e a cerveja. Segurei-lhe a cabeça entre as mãos, pensando como era maravilhoso ter um homem a acompanhar-me a casa. Estava-lhe tão agradecida. Ele não perguntou por que razão eu não tinha mobília no quarto, e até por isso me senti grata. Limitou-se a imobilizar-me contra o colchão, às escuras. E foi bom — amigável e atencioso, como o rosto dele. Sabia que não voltaria a vê-lo.

A «Casa do Mal» da família LeRoi, como o *New York Post* lhe chamava, ficava ao fundo da minha rua. Depois dessa noite, e durante algum tempo, fiz questão de passar diante da casa, embora isso me obrigasse a contornar o quarteirão para chegar ao comboio. Gostava de passar por lá quando o sol da manhã desenhava traços dourados no tijolo creme. Havia cadeiras azuis no alpendre e sebes envasadas a flanquear a porta da entrada. Uma bandeira americana pendia como uma cortina numa das janelas salientes do rés do chão. Eram aqueles pormenores do dia a dia que me atraíam.

Certa vez, um homem assobiou-me de uma das janelas do andar superior.

— Anda cá! — disse ele, e eu reparei que ele não estava a gritar, não estava sequer a chamar, estava apenas a falar alto de maneira que eu ouvisse. Nem sequer parei.

Era fácil uma pessoa interessar-se por uma história daquelas. Para tal, bastava possuir o mesmo tipo de curiosidade sobre o mal que leva qualquer um a assistir a um filme de terror. Mas porque continuava eu a visitar a casa? Nesse mês, peguei num grosso caderno de apontamentos e anotei os meus itinerários diários em redor da cidade — um projeto a que dera início com o objetivo de provar a minha crescente intimidade com Nova Iorque. Segundo esse registo, naquele verão, passei pela residência LeRoi quase 50 vezes, sempre a caminho do meu trabalho, em casa da Lonnie.

2

Ela era jovem. Jovem o suficiente para toda a gente na cidade, onde os ricos envelheciam lentamente, a considerar demasiado jovem. Gostava de a observar quando ela estava distraída. A curva graciosa das pernas, mesmo por cima dos finos tornozelos, a barriga lisa, os seios redondos e espetados. O abundante cabelo escuro. «Impossível de domesticar!», lamuriava-se, porque os efeitos do ferro de alisar, ou dos rolos, desapareciam depressa, por força da humidade, deixando ondas esguedelhadas no seu lugar. Tinha sobranceiras grossas e bem arrançadas, aproximadas o suficiente uma da outra de maneira a enrugam a pele entre elas: aquela pequena prega, o início da sua primeira — da sua única — ténue ruga. O nariz, arrebitado, mas apenas ligeiramente. Seriam aqueles narizes uma característica genética dos ricos? Os olhos, com pesadas pálpebras, eram verdes, mas pouco radiosos. Eram o tipo de olhos que, por causa de todo aquele cabelo castanho, levavam uma pessoa a pensar que eram de um castanho vulgar, para depois se descobrir que não: tinham salpicos de jade.

A boca. Como descrever a boca? Uma boca é carne — movimento — caracterizada por aquelas pontas brancas dos dentes, pela expressão, pelo cor-de-rosa que se intensifica quando é mordido ou tocado pela ponta dos dedos. A maneira como o formato

de um rosto muda com um sorriso, um franzir de sobrolho, uma história, um pedaço de ananás entre os molares.

Não há maneira de descrever um rosto. Não verdadeiramente. É impossível descrever como se move. Colocamos mulheres como a Lonnie em filmes — as nações apaixonam-se por elas. Não pelas mulheres em si, não pelas personagens que representam, nem sequer pelos belos traços fisionómicos, mas pelo movimento dos músculos, pela forma como a maleável carne se estica sobre os ossos, pela maneira como muda. A forma como nos faz sentir qualquer coisa — júbilo ou tristeza, não importa qual. A emoção é uma ação — um movimento. Apaixonamo-nos por um corpo em movimento. E isso mexe connosco.

Ela vestia um roupão de homem, preto e dourado, e era possível perceber pela forma como se afundava no peito que estava nua por baixo. Vestir-se era a última coisa que ela fazia antes de sair de casa. Às vezes, pedia-me que lhe apertasse o fecho dos vestidos, e eu corria a ponta dos dedos desde o fundo das costas até à nuca sem nunca lhe tocar. E ela soltava um suspiro, como se o simples processo de se vestir a deprimisse.

Na praia, tinha por hábito misturar *Pimm's* e 7UP num termos que depois passava de mão em mão. Havia qualquer coisa na postura dela que parecia soltar-se sob o sol, e ela derretia na toalha, passando os dedos pela areia à sua volta, como se estivesse, lentamente, a varrer toda a praia, centímetro a centímetro. Não aparentava escutar ninguém; não dizia nada; não lia. Sorria tão-somente e tocava na areia, e, às vezes, encostava a face ao ombro bronzeado, como que para lhe sentir a temperatura.

Preocupava-me quando ela ia para a água. Corria para o mar como uma criança que ainda não foi derrubada por uma onda inesperada. Nadava sempre para mais longe do que eu. Depois boiava, e eu deixava de a ver da minha posição estratégica perto da areia.

Preocupava-me com ela em todo o lado. Chegava sempre tarde. Era o tipo de pessoa que aparecia num restaurante 60 minutos depois da hora marcada, entrava na sala a correr, atirava as suas

coisas para cima de três cadeiras, abatia-se na quarta e depois suspirava e sorria como se tivesse estado ali durante toda a vida. Nunca pedia desculpa. A sua mala estava sempre a transbordar de cartões para o metro, de embalagens de *eyeliner* ou de recibos importantes. Onde quer que fosse, deixava um rasto de ganchos do cabelo. Passava a vida a perder coisas, mas isso nunca a preocupava. Para quê preocupar-se quando podia pedir um cartão magnético a alguém antes de entrar na estação de metro, ou um pouco de bálsamo para os lábios, ou até um tampão? Seria possível que toda a gente a tivesse tratado daquela maneira durante toda a sua vida? Desejávamos todos dar-lhe o que quer que tivéssemos connosco.

Conhecia alguns pormenores do seu passado — a mãe havia morrido ainda jovem, o pai pertencia à alta finança. Era filha única. Os avós paternos eram franceses e os maternos tinham vindo de Itália. Frequentara a Marymount School, adquirindo aí a inclinação religiosa que lhe dera aquilo que ela descrevia como «tesão pelo catolicismo», embora, aparentemente, não o dissesse de forma sacrílega. Ainda se considerava um membro da igreja.

Numa prateleira da entrada, havia dois álbuns de fotografias encaixados entre grossos livros de arte, cada um com não mais de 15 fotografias, a grande maioria, de pessoas que não conheci, juntamente com outras de flores ou de casas. A Lonnie aparecia em apenas três das fotos. Na primeira, devia ter cerca de 12 anos e encontrava-se algures num campo de férias, vestindo uns finos calções de algodão brancos e um lenço antiquado atado por baixo do colarinho de um polo branco. Estava diante de uma cabana, apoiada ao corrimão que levava à porta, o seu pequeno rabo espetado, o rosto ligeiramente desviado da objetiva, como se não soubesse que estava a ser fotografada. Era mais magra, não tinha peito e chegava a ter um aspeto um pouco desengonçado, embora exibisse um belo bronzeado, uma pele imaculada e as mesmas ondas de cabelo que lhe chegavam aos ombros.

O outro álbum era dos tempos da escola secundária. A Lonnie aparecia em duas fotografias. Numa delas, estava junto ao autocarro

da escola, usando um casaco comprido com botões de madeira por cima da saia plissada azul do uniforme escolar. Encontrava-se ao lado de duas raparigas que conversavam uma com a outra, mas ela não fazia parte da conversa. Tinha o braço levantado, a mão tocando o cabelo junto à têmpora. Embora a imagem captasse o seu rosto, ela não sorria nem encarava a câmara; olhava para o chão. Era impossível dizer se não se dera conta da presença do fotógrafo ou se estava a fazer uma pose à modelo, tentando parecer natural.

Estou a olhar para a última fotografia enquanto escrevo. Certo dia, retirei-a do invólucro de plástico e guardei-a na carteira. Ela está sentada no chão de madeira ao lado de uma cama por fazer. Há um lençol branco caído junto a ela. As bochechas parecem um pouco mais cheias, o cabelo um pouco mais curto, mas, tirando isso, tudo o resto está exatamente como a personificação adulta que conheci. Não veste o uniforme da escola, mas uns calções de ganga branca e uma blusa azul sem costas. Está descalça e tem as unhas dos pés pintadas de vermelho. Tem os joelhos dobrados, de maneira que se consegue ver toda a carne das coxas e o pequeno pedaço de ganga entre as pernas. Está inclinada para trás, com as palmas das mãos apoiadas no chão. Tem os lábios contraídos e os olhos ligeiramente semicerrados para a objetiva. Parece pronta para devorar o fotógrafo.

A fotografia era fácil de roubar. Não pensei que fosse suspeitar de mim, não acreditei que fosse sequer dar pela falta dela, mas não foi por isso que a tirei. Queria ser o fotógrafo, ou a Lonnie, quiçá ambos, embora soubesse que guardar a fotografia não me fosse aproximar de nenhuma dessas experiências. Teria o presentimento de que precisava de a registar? De que iria passar bastante tempo a tentar perceber o que ela significava para mim? Suspeitaria que ela podia não ser real? Andaria à procura de provas?

Estou a ver-nos a ambas na praia, mas não tenho a certeza se a memória é real. Somos as únicas na água. A cadeira do nadador-salvador está vazia. Olho para trás e vejo os homens, os homens dela, a dormirem na areia com o bebé. Estou dentro de água,

até à cintura, entorpecida pelo frio, mas mesmo assim com pele de galinha. Sou constantemente obrigada a virar-me para trás, de maneira a não levar com as ondas no rosto, e depois a voltar-me para a frente, à procura dela. Ela está para lá da zona de rebentação, a flutuar. De vez em quando vejo-lhe os braços, estendidos para os lados, o sol a incidir nas gotas, e logo depois deixo de a avistar. Não posso regressar ao areal porque sou a única a tomar conta dela.

3

Eles eram proprietários de uma casa de três andares que ficava no bairro de Carnegie Hill, entre a Park Avenue e a Lexington Avenue. Só conheci a casa no meu primeiro dia de trabalho. A entrevista havia decorrido no parque infantil. Eles puseram-me a par da rotina do William enquanto o seguíamos pela caixa de areia. O menino tinha 16 meses, caminhava na ponta dos pés como um pequeno bailarino e já sabia dizer algumas palavras.

— Ocasionalmente, podemos precisar que fique até mais tarde, mas regra geral sairá por volta das 16 horas.

O marido apontou para a esposa e disse:

— A Lonnie não trabalha, mas precisa dos dias para escrever.

A Lonnie ajoelhou-se ao lado do William e fez andar o seu camião pelo rebordo da caixa de areia. Usava uma saia travada e sapatos de salto alto como se fosse ela a candidata ao trabalho. Preocupava-me a minha aparência, embora naquela manhã tivesse tido especial cuidado a escolher a roupa, chegando mesmo a apanhar o cabelo para que a humidade não fizesse das suas. Calçava uns sapatos rasos e usava uma mochila, ao invés de mala de mão. Tinha um aspeto demasiado casual; comparada com ela, eu parecia uma adolescente.

Ela deixara a sua enorme mala cor de caramelo abandonada num banco bastante afastado do local onde acabámos por ficar a conversar, e eu tive vontade de ir lá buscá-la, mas senti que não me competia. Ela nem sequer a mantinha debaixo de olho; tinha a atenção toda centrada no filho. Não me fizeram muitas perguntas. Dei-lhes alguns pormenores sobre as famílias inventadas que incluía no meu currículo, não referindo o último mês que passara desempregada ou a forma ruidosa como o meu estômago roncava de fome durante todo o dia. Tranquilizei-os dizendo-lhes que não tinha o menor interesse em regressar a casa.

— Há tanto para fazer a toda a hora — referi a propósito de Nova Iorque, esforçando-me por soar entusiasmada com o lugar-comum.

Nunca sabia o que responder quando as pessoas me perguntavam o que me fizera vir para a cidade. Sentia que mudara pela mesma razão que levara os meus antepassados a carregar uma carroça com todos os pertences e a atravessar a pradaria americana — ganhar experiência. A natureza contraditória dessa frase tornou-se particularmente relevante no início desse verão, enquanto eu fazia um grande esforço para me sustentar. Faminta, sem dinheiro, mas estupidamente sobranceira relativamente à minha falta de regalias e ao facto de continuar a sobreviver num lugar estranho, continuava a perguntar-me *Já ganhaste experiência?*

O Oregon, ou a minha recordação do lugar, manifesta-se sobretudo durante a noite ou durante as horas de crepúsculo. Aprendi a viver nesse curioso espaço escuro. As casas que ocupei eram-me familiares pelo tato e pelo som — a textura de pipoca das paredes da casa do meu pai, a macieza da madeira do rádio antigo da minha mãe, o tiquetaque do relógio da cozinha, o discreto ranger do soalho. A vida acontecia depois da meia-noite e depois de saltar pela janela, deambulando por todos aqueles enormes jardins das traseiras, tão grandes que os proprietários nunca me encontrariam, nem ao rapaz — um qualquer, não importava, estava escuro — com o qual aí me encontrava. A vida

tinha lugar na escuridão dos bancos traseiros dos automóveis. Toda a gente era pálida.

Conseguia ver o meu pai com o seu roupão, à noite, bebericando uma cerveja no quintal das traseiras enquanto a chuva se desvanecia. A sua cadeira de jardim — com um padrão de arco-íris dos anos 70 — chiou quando se virou para o campo escuro para lá do nosso quintal das traseiras, as árvores mais escuras depois do campo, e disse: «Porque haveria alguém de querer deixar este lugar?» Eu sabia que não era suposto responder e também sabia que a pergunta me era destinada.

Não sabia o que pensar dela — de nenhum dos dois, para ser franca. Sentia algum ressentimento — por causa da riqueza, da beleza e da autoconfiança que exibiam. Não posso dizer que fosse inveja. Não queria a vida deles, mas melindrava-me que pudessem viver como viviam.

Nunca trabalhara para um patrão da minha idade. O marido, o James, devia ter 30 e poucos anos. Estava em boa forma física e exibia um belo bronzeado. Tinha apenas alguns cabelos grisalhos dispersos pela basta grenha cor de mel. Apesar da proximidade etária, presumi que, por causa da sua óbvia riqueza, acabariam a tratar-me como uma empregada e não como a pessoa que estava a ajudá-los a criar o filho.

No final da entrevista, a Lonnie (já na posse da sua mala) chamou o William para que ele se despedisse de mim. O pequeno aproximou-se e enrolou os braços à volta das minhas pernas.

— Está resolvido — disse ela. — Quando podes começar?

Em retrospectiva, ocorre-me: o que terá ela visto em mim? Uma rapariga num vestido de dez dólares, criada numa cidade rural do Oregon, que nem sequer terminou o ensino secundário. Talvez pouco importasse quem eu era.

Nesse primeiro dia passei algum tempo a tentar decidir por qual das portas deveria entrar. Tinha as chaves de ambas, mas subir até ao alpendre e atravessar as portas duplas da entrada

principal parecia-me demasiado presunçoso, ao passo que entrar pelo rés do chão me parecia subserviente. Nunca me vira perante uma decisão daquelas. Nos três anos que vivia na cidade nunca tinha entrado na casa de uma família.

Acabei por abrir o portão de ferro e entrar pelo rés do chão, por baixo do alpendre. A porta dava para um pequeno espaço onde se podia trocar de sapatos e deixar os casacos. A ainda fraca luz da manhã entrava pela sala seguinte, iluminando um bengaleiro antigo com espelho mesmo em frente à porta onde estava pendurado um impermeável castanho. Tirei a mochila de lona e o blusão de ganga e coloquei-os ao lado do impermeável. A presença do casaco reconfortou-me. Isso significava que a entrada do rés do chão era usada pela família, e não apenas pelos empregados.

A divisão seguinte era um pequeno recanto que levava à cozinha. Sobre o balcão via-se um monitor de bebé que mostrava uma imagem granulosa do William a dormir no seu berço, os braços por cima da cabeça. Estava tudo em silêncio. A Lonnie havia-me dito: «Entra e eu mostro-te a casa. E, quando o Billy acordar, podes dar-lhe o pequeno-almoço e levá-lo ao parque. Depois disso, podes ir para casa mais cedo. É preciso que ele se habitue primeiro a ti.»

Presumi que ela estaria à minha espera. Senti-me uma intrusa, a percorrer assim a casa, sozinha. Pensei que talvez tivesse entrado pela porta errada, por isso subi as escadas de madeira à direita da cozinha, que davam para um vestíbulo de onde se avistava a sala de jantar formal e a sala de estar. Embora as paredes estivessem pintadas de branco, todo o mobiliário parecia ter sido adquirido numa venda do recheio de uma casa ou num bordel — madeira de roble, couro e veludo vermelho num tempo e num lugar onde comprar tudo novo era sinal de riqueza e bom gosto. Nas paredes viam-se espelhos em molduras de estilo barroco. Ambas as salas se encontravam vazias, com exceção do meu próprio reflexo.

— Está alguém? — chamei, a minha voz soando menos forte do que esperara.

Não obtive resposta. Por instantes, perguntei-me se seria possível ter entrado na casa errada. Mas não, eu vira o William no

monitor de bebé. A Lonnie devia estar algures na casa de banho. Deixei-me ficar no *hall*. A casa cheirava a alfazema e a qualquer coisa terrosa, como argila.

Era demasiado íntimo passar dali para o andar superior. Não sabia o que fazer. Concluí que ter abandonado a mochila junto à porta havia sido um erro, por isso desci para a ir buscar. Ao atravessar a cozinha, o monitor de bebé começou a emitir os queixumes do William, que parecia estar a acordar. Fiquei a olhar para a sua inquieta forma no pequeno ecrã, à espera de que acontecesse alguma coisa. De que a Lonnie surgisse algures das profundezas da casa e fizesse qualquer coisa. De um rangido que significasse movimento. Estava de tal modo imóvel e ansiosa que me pareceu ouvir uma porta a abrir dois lanços de escada mais acima. Escutei os passos de alguém no passeio, o latir de um cão à distância, o ruído do trânsito na Lexington Avenue e os gemidos sonolentos do William. Escutei o bater do meu próprio coração, mas não ouvi a Lonnie.

Estaria a testar-me? Seria aquilo a sua versão de período à experiência? *Vais deixar o meu bebé chorar ou fazer alguma coisa? És uma ama compassiva e atenta?* O relógio do forno mostrava que eram 7h45; passavam 15 minutos da minha hora de chegada, e isso era demasiado tempo para fazer de conta que ainda não estava ali.

Só quando comecei a subir as escadas que se elevavam da entrada principal até ao andar onde ficavam os quartos é que me dei conta de que não sabia onde ficava o quarto do William. O choro provinha de uma divisão ao cimo das escadas, e encontrei a porta ligeiramente aberta. Empurrei-a devagar e vi a Lonnie, nua, enrolada nos lençóis às risquinhas de uma cama de dossel. Estava deitada de lado, com as costas para mim, os seus caracóis escuros espalhados pela almofada, a fina linha do pescoço a aparecer por entre o cabelo. Um quadrado de luz do Sol iluminava a concavidade da sua cintura, os pequenos pelos brancos e as partículas de pó que dançavam por cima dela. Encolheu uma das compridas pernas e o lençol acompanhou o movimento, subindo-lhe

pelo interior da coxa. Sobre a mesa de cabeceira encontrava-se a fonte do choro — outro monitor de bebé —, e o ruído não parecia impedi-la de dormir.

Recuei pé ante pé — sem respirar, deixando a porta aberta — e, a correr, subi mais um lanço de escadas, até um quarto que dava para a frente da casa, onde o choro do William começava a transformar-se em gritos. O pequeno acalmou-se quando o tirei do berço e observou-me por momentos antes de deitar a cabeça no meu ombro. Cantarolei para ele enquanto olhava em redor.

O quarto não estava atravancado de brinquedos, nem demasiado decorado, embora se visse um comboio de madeira espalhado sobre um tapete de lã. Por cima do berço, pendia um móbile com ovelhas e, ao lado, estava um quadro de um encantador leão de sobrolho franzido. Junto ao trocador de fraldas, reconheci uma ilustração de Edward Gorey que mostrava um minúsculo rapaziinho com um laço e um sorriso sereno, sentado a uma comprida mesa com uma toalha branca, uma fruteira e um sininho igualmente minúsculo. Atrás dele, as costas de uma enorme cadeira de estilo gótico e depois sombras cruzadas.

Uma vez que não havia nem sinal da Lonnie, levei o William até ao trocador e desabotoei-lhe o pijaminha. O pequeno meteu dois dedos na boca e observou-me enquanto eu o mudava. Era comprido, magro e muito leve, como se fosse feito de ossos ocos de ave. Havia qualquer coisa na expressão dele, quer estivesse sério ou a sorrir, que parecia um pouco vaga e sonhadora. Assim que terminei de o vestir, ele contorceu-se para que o pusesse no chão e caminhou em bicos de pés até ao berço, puxando por entre as grades um cobertor branco-acinzentado. Encostou um dos cantos ao nariz e depois caminhou na minha direção, oferecendo-me o mesmo canto para que também eu o cheirasse. O tecido exalava um odor a pó de talco e, de forma mais ténue, a urina. Sem tirar os dedos da boca, o menino riu.

Foi nessa altura que a Lonnie escancarou a porta, assustando-nos a ambos. Vestia um roupão, trazia o cabelo emaranhado e marcas da almofada na bochecha.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela. — Elle! — Era a única pessoa que eu conhecia que abreviava o meu nome, e Ella já era por si só um nome bastante diminuto. Gostava da forma como «Elle» soava quando pronunciado por ela, uma espécie de exclamação elegante. — Deixei-me dormir!

— Não faz mal — redargui. — Espero que não leves a mal o facto de ter subido, mas ouvi o William chorar...

— Oh, céus, é claro que não! Obrigada — disse ela, pegando no filho.

— Ma-mã-ma-mã-ma — balbuciou ele, encostando-se ao peito da mãe.

No andar de baixo, verteu leite para um biberão.

— A nossa última ama queria que ele deixasse o biberão quando fez 1 ano — disse ela. — Mas ele continuava a pedi-lo quando ela se foi embora, por isso voltei a dar-lho.

Apontou para uma fruteira sobre o balcão.

— Podes tirar fruta, se quiseres. E fazer café. E comer o que houver.

Obedientemente, fervei água na chaleira vermelha que vi no fogão e deitei café numa prensa francesa. Também aqueci um pouco de leite para as papas de aveia do William e fatiei uma banana. Enquanto trabalhava, a Lonnie prosseguiu:

— Tivemos alguns problemas com as amas que escolhemos. — Balançou o William, ainda agarrado ao biberão, na anca. — A última não tinha a menor compaixão.

Fitei-a, mas ela não acrescentou mais nada. Ao invés, dirigiu-se para o café acabado de fazer como uma borboleta noturna atraída pela luz.

— Podemos ir para o terraço — sugeriu ela. — Detesto comer aqui às escuras.

Antes de a seguir escada acima, com a comida disposta numa bandeja de bambu, voltei-me e tirei um pêssigo da fruteira. Escolhi um que me pareceu conter a quantidade suficiente de carne sob a pele. Depois de nos sentarmos ao sol, passei várias

vezes os dedos sobre a fina e macia penugem. Era o meu primeiro pêssego da estação. A Lonnie despiu o babygro do William, sentou-o na cadeira alta e deu-lhe uma colher. Ele aplicou-se a tentar comer as papas de aveia. Grande parte da comida aterrava na sua barriga, mas ele não parecia importar-se.

O terraço estendia-se para lá da sala de estar, abarcando aquilo que mais tarde percebi tratar-se da lavandaria, do quarto de hóspedes e da casa de banho atrás da cozinha, e ocupando o que restava do terreno. Por baixo de nós, e de ambos os lados, conseguia ver os estreitos e bem arrançados jardins das traseiras das casas vizinhas.

A Lonnie sentou-se à frente de uma palmeira que se elevava por cima da sua cabeça. Enrolou o cabelo num puxo e, segurando-o com o braço elevado, virou o rosto para o Sol, como que a fotosintetizar o seu pequeno-almoço. De manhã nunca a vi comer mais do que uma peça de fruta e café, e aquele dia não foi exceção. À mesa, ela parecia sempre satisfeita, quer estivesse a comer ou não. Não falava muito, e eu também não. Ela ainda estava a acordar e eu apreciava o silêncio que se instalava entre nós durante esse processo. Era como se dissesse «vamos passar bastante tempo juntas; não é preciso apressar as coisas». Encostei o pêssego ao nariz, saboreando a antecipação.

A determinada altura ela comentou:

— Tu sabes o que tens de fazer. Não sou o tipo de mãe que anda sempre em cima e que gosta de dizer como deve ser feito. Podes fazer com ele o que achares que é correto. Haverá sempre dinheiro na caixa de charutos que está sobre a mesa do *hall*. Podes comprar-lhe, ou para ti, o que considerares necessário: brinquedos, café, comida. Não quero que gastes o teu dinheiro quando estiveres com ele.

— Está bem — disse. — Obrigada.

Viu-me morder o pêssego e sorriu.

— São deliciosos, não são? — indagou. — Por esta altura não costumam ser assim tão bons.

Limpei com a mão o fio de sumo que me corria pelo queixo e assenti, calculando quanto dinheiro poderia retirar da caixa, quanta

comida poderia desviar da despensa, para conseguir jantar naquela semana. Sentia que começava a acreditar nela, a confiar nela, a gostar seriamente dela, embora pudesse ser apenas a promessa de alimento. Não ter fome era como estar feliz.

Nessa primeira semana, além do pêssego, devorei uma fatia de pão torrado, escuro e macio por dentro, barrada com uma camada grossa de manteiga com sal cuja embalagem exibia um rótulo em francês. Depois, apreciei umas quantas framboesas, colocadas na ponta de cada dedo e comidas uma de cada vez. Cortei finas fatias de *cheddar* e de Gruyère e deixei que derretessem na língua. Comecei por coisas simples, como uma criança, e depois avancei para garfadas de *kimchi*, pasta de chili em *crackers* e azeitonas verdes temperadas com alho. Comia durante as sextas do William para assim me conseguir concentrar na comida, treinando o meu corpo para registar a fome entre refeições normais.

Comer era melhor do que me recordava, não apenas porque estava faminta, tentando compensar o tempo perdido, mas também porque a Lonnie só comprava o melhor do melhor — produtos maduros, doces, sumarentos, frescos, oriundos de quintas locais. Os ovos continham brilhantes gemas cor de laranja, como eu nunca tinha visto. Eram de tal forma saborosos que quase pareciam saber a outra comida qualquer. Certa tarde, ansiando pelos *crackers* cujo pacote não me atrevera a terminar nessa tarde, entrei na mercearia de luxo Dean & DeLuca depois de sair do trabalho e constatei que uma caixa pequena custava dez dólares, o que perfazia mais de 50 cêntimos por bolacha.

Um dia, vendo a minha dificuldade, a Lonnie mostrou-me como devia cortar a manga: evitando o centro mais duro e fazendo depois correr a faca pela carne de ambos os lados num padrão quadriculado. Imaginei a faca a mergulhar na sua mão enquanto segurava cada uma das metades sobre a palma, imaginei o sangue sendo sumo. Quando ela dobrou a fatia para trás, de maneira a destacar os pequenos quadrados de fruta, prontos a serem retirados, eu deixei escapar uma gargalhada de satisfação.

— Ainda não terminei — disse ela, pegando na parte central e descascando-a.

Assim que a fita de casca aterrou sobre a tábua, ela aproximou o caroço da boca e chupou-o, rapando com os dentes o que sobrava da parte comestível. Passou-mo, meio comido, e eu imitei-a, o sumo escorrendo pela minha mão.


UMA HISTÓRIA INTENSA E SENSUAL SOBRE AMIZADE, MANIPULAÇÃO, INTIMIDADE E TRAIÇÃO.

Ella Crawford tem 26 anos. Sozinha e sem dinheiro, seduz homens desconhecidos para que lhe paguem o jantar. O seu destino muda no dia em que Lonnie e James, um casal abastado, a contratam como ama do seu filho, arrastando-a para um mundo de privilégio.

Ella começa por detestar Lonnie, que, além de rica, é bela, talentosa e parece ter alcançado de mão beijada uma vida familiar perfeita. Mas, à medida que vai convivendo com ela, a sua aversão transforma-se numa atração inexplicável e obsessiva. Começa assim a desejar tudo o que lhe pertence: o seu estilo de vida, a sua atenção, o seu marido e até o amante. O que a levará a uma série de ações progressivamente irrefletidas e perigosas.

«Madeline Stevens transforma os dias mundanos de Ella, uma simples ama, ao injetar na sua vida uma veneração obsessiva por Lonnie. Um romance de estreia que se revela um estimulante estudo de personagem.»

PUBLISHERS WEEKLY

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-668-578-2  9 789896 685782 Literatura Traduzida
--	--